

A hipossegmentação da escrita e os processos de sândi

Ana Paula Nobre da Cunha¹, Ana Ruth Moresco Miranda²

¹Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

²Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

apncunha@hotmail.com, ramil@ufpel.tche.br

Resumo. Neste artigo, os dados de hipossegmentação da escrita são discutidos à luz de estudos que tratam dos processos de sândi verificados na fonologia no Português do Brasil (PB), conforme descritos por Bisol (2000) e Tenani (2002). A análise das segmentações não-convencionais, extraídas de textos produzidos de maneira espontânea por crianças de séries iniciais, mostra que há correspondência entre os contextos favorecedores à ocorrência de sândi na fonologia da língua e os dados de escrita. Sem desconsiderar que a aquisição da linguagem oral e da linguagem escrita são processos distintos, os resultados encontrados nesta pesquisa reafirmam a estreita relação oralidade/escrita, na medida em que os dados de escrita mostram-se, mais uma vez, reveladores de aspectos do conhecimento lingüístico infantil, nesse caso específico, aqueles relativos a aspectos prosódicos da língua.

Abstract. In this article, data about writing hyposegmentation are discussed under the light of studies which address sandi processes found in the phonology of Brazilian Portuguese language, as described by Bisol (2000) and Tenani (2006). The analysis of the unconventional word segmentations extracted from spontaneously produced texts, written by children in their first years at primary school, shows that there is a correlation between the contexts which promote the occurrence of sandi in the phonology of the language and the data about the writing. Without disregarding the fact that oral language and written language acquisition are distinct processes, the results found with this research reassure the close relationship between oral and written production, since the data on writing prove, once more, to be revealing of aspects of children's linguistic knowledge – in this specific case, those referring to prosodic aspects of the language.

Palavras-chave: aquisição da escrita; hipossegmentação; sândi; ritmo; prosódia.

1. Introdução

Este trabalho fundamenta-se na hipótese de que dados de aquisição da linguagem oral servem como importantes parâmetros para a análise e compreensão da aquisição da escrita¹, todavia, sem perder de vista que ambos são processos diferentes.

¹ É importante ressaltar que o termo “aquisição” carrega a idéia de “ação do sujeito que aprende”.

Com base nessa relação oralidade/escrita, Cunha (2004) descreve e analisa dados de hipossegmentação² da escrita em textos produzidos de forma espontânea por crianças de séries iniciais. Segundo a autora, essas segmentações não-convencionais coletadas das produções dos alunos são capazes de revelar aspectos do conhecimento lingüístico infantil e, particularmente, do conhecimento que possuem acerca da fonologia da língua.

Nos dados analisados por Cunha (2004) fica evidenciada a influência da prosódia, em especial dos constituintes prosódicos³, no processo de segmentação da escrita. As ocorrências de hipossegmentação aparecem em maior número do que as de hipersegmentação⁴, portanto, pode-se pensar que, no início do processo de aquisição da escrita, a criança parece entender a palavra como uma frase fonológica.

Dentre os dados de hipossegmentação, pode-se observar alguns processos fonológicos conforme descritos por Bisol (1992, 1996, 2000) e Tenani (2006), a saber, a degeminação, a elisão, a ditongação, o vozeamento da fricativa, o *tapping* e a haplogogia. De maneira geral, esses processos fonológicos visam a ressilabação por meio da formação de sílabas CV (consoante – vogal).

A “estrutura silábica”, juntamente com “a redução vocálica” e “a realização fonética do acento”, é uma das três propriedades analisadas por Dauer (1983) para a definição do ritmo lingüístico. Segundo o autor, as línguas podem ter características tanto do ritmo acentual quanto do ritmo silábico. Seguindo essa idéia, Barbosa (2000) afirma que o português brasileiro (doravante PB) tende para o ritmo silábico. Bisol (2000, p.412), após analisar a importância do troqueu silábico como um dos elementos básicos do ritmo do PB, afirma ser essa “uma língua de ritmo misto com forte componente de ritmo silábico”. Anterior a Barbosa e Bisol, Abaurre-Gnerre (1981), ao analisar entre outros processos fonológicos a epêntese (ex. p[i]sicologia) e a monotongação de “ei” e “ou” (ex. mad[e]ra – p[o]co), afirma que processos favorecedores de estruturas silábicas do tipo CV podem ser considerados típicos do padrão rítmico silábico.

Embora o ritmo lingüístico do PB seja ainda um tema relativamente polêmico na fonologia, o que se pretende com este estudo é verificar quais os processos fonológicos descritos pelos autores acima citados, aparecem nos dados de aquisição da escrita infantil, a fim de que se possa refletir um pouco mais sobre a influência da prosódia na escrita. Mais especificamente, este trabalho tem como objetivos: a) descrever como acontecem os processos de sândi na escrita; b) estabelecer uma discussão em torno da possibilidade dos dados de escrita contribuírem para o desenvolvimento de argumentos que auxiliem no debate sobre o ritmo lingüístico do PB.

2. As hipossegmentações da escrita

Considerando-se hipossegmentações como ocorrências que apresentam falta de espaço entre fronteiras vocabulares, Cunha (2004) demonstra duas tendências predominantes

² Falta de espaço entre fronteiras vocabulares, como por exemplo em: *olobo, chicobento, derepente*.

³ Segundo Nespor e Vogel (1986) os constituintes prosódicos são sete: *slaba; pé; palavra fonológica; grupo clítico; frase fonológica; frase entonacional; enunciado fonológico*.

⁴ Alocação de espaço dentro da palavra, como em: *chapeu zinho, em bora, com tigo*.

nos dados encontrados em textos de crianças de 1ª a 4ª série: a junção entre uma “palavra gramatical”⁵ e uma “palavra fonológica”⁶, conforme os exemplos apresentados em (1.a), e a junção entre duas “palavras fonológicas”, conforme exemplos em (1.b).

- (1) a. cesquese (*se esquece*) b. podentrar (*pode entrar*)
 siencontrou (*se encontrou*) fiquerrendo (*fique correndo*)

Embora esses dois tipos de hipossegmentações sejam os mais numerosos no *corpus* analisado por Cunha (2004), a autora observa ainda a presença de dois outros tipos de ocorrências: a junção entre uma “palavra fonológica” e uma “palavra gramatical”, como mostram os exemplos em (2.a), e a junção entre duas “palavras gramaticais”, conforme aparece em (2.b).

- (2) a. chamavase (*chamava-se*) b. eos (*e os*)
 matalo (*matá-lo*) praque (*para que*)

Para este trabalho interessam, em especial, os dados de hipossegmentação em que aparecem processos de sândi quando é suprimido o espaço entre as fronteiras vocabulares, conforme mostram os dados em (1).

3. Os processos de sândi

Os processos de sândi são processos fonológicos segmentais. Tenani (2002, p.281), por acreditar que as estruturas silábicas são importantes na determinação dos grupos rítmicos, analisa, em dados de oralidade, seis processos fonológicos dividindo-os em três grupos distintos. Segundo a autora, “essa classificação é feita ao ser levada em conta a maneira pela qual são afetadas as sílabas em jogo nesses processos”.

No primeiro grupo, de acordo com Tenani (2002), encontram-se os processos de vozeamento da fricativa e *tapping*, ambos caracterizados pela reestruturação de sílabas. Nesses casos, o elemento da *coda* da sílaba final da primeira palavra torna-se o *onset* da primeira sílaba do segundo vocábulo.

No **vozeamento da fricativa** o elemento da *coda* da sílaba final do primeiro vocábulo, nesse caso a fricativa [s], torna-se *onset* da primeira sílaba do vocábulo seguinte com a alteração de [-sonora] para [+sonora], conforme os exemplos em (3).

- (3) casas amarelas > casa [za] marelas
 arroz escuro > arro [ze] scuro

Assim como o vozeamento da fricativa, o *tapping* também é um processo fonológico no qual a *coda* da sílaba final do primeiro vocábulo torna-se *onset* da primeira sílaba da palavra seguinte, no entanto, esse processo apresenta uma peculiaridade quanto à sua ocorrência. Esse tipo de dado é encontrado basicamente em

⁵ Segundo Cunha (2004), a “palavra gramatical” abrange segmentos que possuem apenas significado gramatical, como, por exemplo, os clíticos.

⁶ A “palavra fonológica”, de acordo com categorização proposta por Cunha (2004), abrange não somente a palavra lexical (que possui significado), como vai mais além, compreendendo todas as palavras que possuem acento primário e que, mesmo sem um significado conhecido na língua, são candidatas potenciais para tal.

dialetos nos quais a rótica de final de palavra sofre variação (pronunciada como fricativa velar ou uvular no dialeto carioca ou como uma retroflexa no dialeto caipira) e ao tornar-se *onset* passa a ser fraca [r], conforme os exemplos em (4).

- (4) açúcar amarelo > açuca [ra] marelo
mulher esquisita > mulhe [re] squisita

O segundo grupo de processos fonológicos analisados por Tenani (2002) é classificado pela autora como processos de sândi externo, nos quais estão incluídos os processos de degeminação, elisão e ditongação. Bisol (1996) também analisa esses processos e os caracteriza como ressilabação vocálica.

A **degeminação** ocorre no encontro de duas vogais idênticas (5.a) ou semelhantes (5.b), todavia, esse processo não se efetuará se a segunda vogal for acentuada (5.c), exceto, segundo Bisol (2000, p.410), em casos de reorganização rítmica em função da frase (5.d). A degeminação também pode ocorrer no interior da palavra (5.e).

- (5) a. estrada arborizada > estrad [a] rborizada
b. vende isqueiros > vend [i] squeiros
c. como uvas > *còmúvas, *comúvas
d. como uvas maduras > comùvas maduras
e. cooperativa > c [o] perativa

A **elisão**, de modo geral, acontece com a vogal átona /a/ diante de outra vogal. Esse processo ocorre somente na fronteira entre palavras. Bisol (1996, p.59) afirma que a elisão se aplica em duas circunstâncias: primeiro seguindo uma tendência à regra geral (6.a), “quando a vogal seguinte for labial, ou seja, posterior arredondada” e aplica-se, também, opcionalmente, no caso da vogal seguinte ser coronal, ou seja, frontal (6.b). Para Bisol (2000, p.410), a elisão é bloqueada pelo acento da segunda vogal a ser elidida (6.c), no entanto, se houver uma reorganização rítmica em função da frase, essa elisão passa a ser permitida (6.d).

- (6) a. camisa usada > cami [zu] sada
b. menina estranha > meni [nes] tranha
c. compra ovos > *còmpróvos, *compróvos
d. compra ovos grandes > còmprovos grádes

A **ditongação** acontece quando a última vogal de uma palavra forma um ditongo com a vogal inicial da palavra seguinte. De acordo com Bisol (1996), para que esse processo aconteça, é necessário que uma das vogais seja alta, independentemente da sua posição. A ditongação pode ocorrer tanto no interior de palavras (7.a) quanto na fronteira vocabular (7.b).

- (7) a. ciumenta > c [yu] menta ~ c [iw] menta
b. menina inteligente >menin [i] nteligente –menin [ay] nteligente
(elisão ou ditongação)

O terceiro e último tipo de processo fonológico analisado por Tenani (2002) é a **haplologia**. Esse processo se particulariza por acontecer entre duas sílabas que já são inicialmente CV. Para a autora, nesse processo existe a atuação do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), segundo o qual, dois elementos adjacentes idênticos são proibidos. O exemplo apresentado em (8) demonstra esse processo de haplologia.

- (8) a faculdade dinâmica > a faculda [dzi] nâmica
o macaco comeu > o maca [co] meu

4. O ritmo lingüístico do PB

No que concerne ao PB ainda não existe um consenso quanto à sua tipologia rítmica. Portanto, nesta seção, serão brevemente apresentadas propostas de alguns pesquisadores preocupados em investigar esse aspecto prosódico da língua.

Um dos primeiros pesquisadores a tratar desse assunto foi Cagliari (1981) que, baseando-se na noção de isocronia⁷, classificou o PB como uma língua de ritmo acentual. No entanto, alguns anos depois, Cagliari & Abaurre (1986) encontram, como resultados de um estudo sobre as relações entre os padrões rítmicos e processos fonológicos no PB, uma certa flutuação rítmica entre os informantes da pesquisa, pois alguns falantes possuíam ritmo acentual, enquanto outros apresentavam ritmo silábico.

Major (1981), em seu primeiro trabalho sobre o ritmo do PB, demonstra evidências instrumentais e fonológicas para concluir que o PB apresentaria uma tendência ao ritmo acentual. No entanto, esse estudo foi criticado por Barbosa (2000, p.382) que, ao analisar uma a uma das razões propostas por Major (1981), conclui que “os trabalhos de autores brasileiros foram muito mais cuidadosos. Jamais afirmaram categoricamente o predomínio de um tipo rítmico em detrimento de outro”.

Dauer (1983), por meio de estudos comparativos entre línguas de ritmo acentual e de ritmo silábico, concluiu que as diferenças de ritmo estão muito mais associadas às diferenças de estrutura lingüística, as quais não estão diretamente ligadas a uma ou outra classe rítmica. Dessa forma, Dauer (1983) rompe com a idéia de dicotomia proposta por Pike (1945), pois segundo o autor algumas línguas podem apresentar características dos dois tipos rítmicos.

Ramus *et alli* (1999) também acreditam na possibilidade de haver línguas que apresentam um ritmo misto, considerando a hipótese da existência de outras classes rítmicas além das conhecidas originalmente.

Nessa mesma linha de Ramus *et alli* (1999), argumentando favoravelmente a um ritmo misto para o PB, encontra-se Barbosa (2000). O autor afirma ter o PB uma tendência para o ritmo silábico, mesmo que ocupe uma posição intermediária em se comparando a outras línguas de ritmo acentual e silábico.

⁷ Seguindo os estudos de Pike (1945), que propunha a chamada dicotomia clássica sobre as classes rítmicas, na qual as línguas eram divididas em ritmo silábico e ritmo acentual, Abercrombie (1967) propõe a noção de isocronia. De acordo com Abercrombie (1967), as línguas de ritmo silábico possuem a sílaba como a unidade recorrente a intervalos iguais de tempo, enquanto as línguas de ritmo acentual possuem como unidade isócrona a recorrência do processo de produção de acentos.

Apoiando-se na afirmação de Barbosa (2000) e na busca em estabelecer a dimensão fonológica do ritmo, Bisol (2000) utiliza-se de argumentos fonológicos para apresentar uma interpretação do PB como uma língua de ritmo misto. Após analisar processos fonológicos como a redução vocálica, o acento primário e secundário, a haplologia, a degeminação e a elisão, Bisol (2000, p.412) defende o troqueu silábico, demonstrando uma tendência de implementação desse tipo de pé binário no PB, fato esse que reforça a idéia de que essa variante do português é “uma língua de ritmo misto com forte componente de ritmo silábico”.

Abaurre-Gnerre (1981) já tinha analisado os processos fonológicos como indicadores de padrões rítmicos. Segundo a autora, processos fonológicos segmentais como a epêntese, a monotongação, a queda de consoante em final de sílaba, o enfraquecimento do flape e a harmonia vocálica, relacionados a estilos de fala, podem apresentar evidências de padrões rítmicos. De acordo com Abaurre-Gnerre (1981), processos que favorecem estruturas silábicas do tipo CV podem ser considerados típicos do padrão rítmico silábico. Devido ao fato de não encontrar em sua pesquisa enunciados predominantemente silábicos ou acentuais, a autora parece classificar, assim como Barbosa (2000) e Bisol (2000), o PB como uma língua de ritmo misto.

Para finalizar esta seção, faz-se referência ao estudo de Tenani (2002, p.273-274) o qual se propõe a responder duas questões: “qual a relação entre a implementação de processos fonológicos e a organização rítmica de uma língua?” e, também, “qual o papel da organização silábica na definição do ritmo da língua?”. Segundo a autora, essas duas questões devem responder a uma pergunta mais geral, ou seja, “o que deve ser considerado para se definir o ritmo lingüístico?”. A autora analisou os processos fonológicos de vozeamento da fricativa, *tapping*, elisão, degeminação, ditongação e haplologia, conforme descrição feita na seção anterior. Como conclusão para definir o ritmo lingüístico, Tenani (2002, p.288) afirma que devem ser levadas em consideração “as relações hierárquicas entre os constituintes prosódicos, aos quais estão submetidos os processos fonológicos que afetam as sílabas”.

5. Os dados analisados

Os dados de hipossegmentação analisados nesta pesquisa⁸ foram extraídos de textos produzidos por crianças de 1^a a 4^a série do ensino fundamental, portanto, crianças em fase de aquisição da escrita. Todos os textos foram produzidos de maneira espontânea e pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FAE/UFPEl)⁹.

Dentre as hipossegmentações coletadas dos textos, foram intencionalmente selecionados alguns dados nos quais se pudesse verificar a ocorrência ou não dos processos de sândi descritos na seção 3 deste artigo. Todos os dados selecionados para análise estão grafados exatamente como se encontravam nos textos, preservando a forma de escrita das crianças.

⁸ Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo.

⁹ Pesquisa apoiada pelo CNPq – Processo nº400882/2008-6.

6. A análise dos dados

Os dados foram analisados de forma a que se verificasse a possibilidade de estabelecer uma relação entre as hipossegmentações, os processos fonológicos de sândi e a organização rítmica do PB.

Em (9) estão exemplos de hipossegmentações encontrados nos dados analisados.

- (9) a. azoutra (*as outras*) b. poringanto (*por enquanto*)
dazerva (*das ervas*) seforachado (*se for achado*)

Os dados em (9), apresentam os mesmos processos fonológicos de vozeamento da fricativa (9.a) e *tapping* (9.b) conforme descrição de Tenani (2002). Quanto aos exemplos em (9.a), pode-se observar a reestruturação silábica por meio do processo de vozeamento da fricativa [s] que passa a ser representada pelo grafema ‘z’. Encontram-se também no *corpus* analisado dados do tipo “os zoutras” e “os zomem”. Embora esses não sejam casos específicos de hipossegmentação, podem ser considerados como representativos do processo de vozeamento da fricativa. Mesmo colocando a marca de plural no artigo, ao inserir um *onset* na sílaba inicial da palavra seguinte, formando uma sílaba de padrão CV, as crianças optaram pelo grafema ‘z’, marcando assim, de forma clara, o vozeamento do fonema [s].

No caso dos exemplos apresentados em (9.b), vale ressaltar que esses dados de escrita estão sendo considerados apenas sob o ponto de vista da reestruturação silábica proposta por Tenani (2002), visto que o *corpus* analisado nesta pesquisa pertence a crianças do RS, portanto, falantes que no seu dialeto não apresentam processo de *tapping*.

Em (10), apresentam-se exemplos relativos ao segundo grupo de processos fonológicos analisados por Tenani (2002), são os chamados processos de sândi externo, nos quais estão incluídos os processos de degeminação, elisão e ditongação. Nos dados de escrita, foi encontrado um grande número de casos de hipossegmentações formadas por meio dos processos de degeminação (10.a) e ditongação (10.b), enquanto a elisão (10.c) aparece em uma quantidade bastante reduzida.

- (10) a. cesquese (*se esquece*) b. miacordava (*me acordava*)
tincherger (*te enxergar*) siapaichonou (*se apaixonou*)
c. erumavez (*era uma vez*)
parumgato (*para um gato*)

Na hipossegmentação *cesquese* observa-se um processo de degeminação entre duas vogais coronais iguais [e], enquanto no dado *tincherger*, além da degeminação, existe uma elevação da vogal [e] que passa para [i]. Essa elevação de vogal também se apresenta no clítico dos exemplos em (10.b), ocasionando a ditongação. Como já foi dito, esses dois processos aparecem em grande número, pois ocorrem quase sempre que existe uma hipossegmentação com contexto favorável ao fenômeno. Dados como os apresentados em (10.c) são mais raros no *corpus* analisado. Diferentemente da degeminação, em que tanto pode ser átona a V1 quanto a V2, para que ocorra a elisão, é necessário que a vogal [a] seja átona, portanto, este contexto pode ser considerado como mais específico, justificando o número menor de ocorrências de elisão.

O terceiro e último tipo de processo analisado por Tenani (2002) é a haplologia. Esse também não é um processo muito frequente dentre os dados analisados, no entanto, exemplos como os apresentados em (11) podem ser casos de haplologia.

- (11) a. *fiquerrendo (fique correndo)*
b. *menetinha (minha netinha)*

A hipossegmentação em (11.a), embora, do ponto de vista ortográfico, não seja uma haplologia perfeita (*o macaco comeu > macacomeu*), pois as sílabas que sofrem o processo não são graficamente iguais, pode ser considerada como tal devido à sua forma fonológica /fike koXeNdo/. A seqüência em (11.b) também pode ser considerada uma haplologia, pois segundo Crystal (1988, p.173), a haplologia é um termo usado para “indicar a omissão de alguns dos sons que ocorrem em uma seqüência de articulações semelhantes”. A seqüência evitada pela criança nessa hipossegmentação seria ‘nha nE’, nesse caso, ambas as consoantes são nasais e ambas as vogais são baixas, portanto, uma “seqüência de articulações semelhantes”. Outro aspecto interessante nesses dados é a organização rítmica, após a reestruturação silábica, ambos ficaram com um número par de sílabas.

Bisol (2000), considerando o PB como uma língua de ritmo misto, porém, com uma forte propensão para o silábico, salienta a importância do troqueu silábico no sistema fonológico. Quanto ao acento primário no português, a autora ressalta que, mesmo em diferentes análises de diferentes teóricos, o troqueu silábico é percebido como um dos elementos básicos da língua.

Em se tratando do ritmo de uma língua, o acento secundário, segundo Bisol (2000, p.408), parece ser o elemento mais importante. No PB, esse acento “é determinado por pés binários de cabeça à esquerda, troqueus silábicos”. Observe-se que esses pés se organizam sem levar em conta o peso da sílaba. De acordo com Collischonn (1994), a colocação do acento secundário poderá variar dependendo do número de sílabas, para um número par de sílabas, existe somente uma opção (12.a); enquanto para um número ímpar, poderá haver ritmos alternantes (12.b).

- (12) a. (bor.bo.) lé.ta b. di.(mi.nu.) tí.vo ~ (di.mi.) nu.tí.vo
(* .) (* .) (* .)

Retornando aos exemplos de hipossegmentação apresentados em (11), ao transformar as seqüências em um número par de sílabas, por meio do processo considerado como haplologia, a criança parece ter dado preferência à formação de dois troqueus silábicos, obedecendo a uma contagem binária. Outro exemplo encontrado no *corpus* (13) pode ilustrar a possível busca pela preservação de um número par de sílabas.

- (13) *mucuidado (muito cuidado)*

Na hipossegmentação apresentada em (13), a criança apagou uma das sílabas átonas entre a sílaba portadora do acento primário – ‘da’ – e a sílaba portadora do acento secundário – ‘mu’ –, assim considerada após reestruturação da seqüência.

Ainda observando os processos fonológicos como indícios de padrões rítmicos, encontram-se no *corpus* desta pesquisa outros dados de hipossegmentação bastante interessantes, conforme apresentado em (14).

- (14) a. mesequeso (*me esqueço*)
b. osepantalho (*o espantalho*)
c. aropadela (*a roupa dela*)

No exemplo de hipossegmentação apresentado em (14.a), além do processo de degeminação da vogal [e], pode-se também considerar a ocorrência de um outro processo fonológico que favorece a estrutura silábica CV, o qual Abaurre-Gnerre (1981) analisa como epêntese. No caso do dado (14.a), após fazer o processo de juntura entre a palavra gramatical e a palavra fonológica, existe uma epêntese de [e] entre as consoantes ‘s’ e ‘q’ (*mes[e]queso*).

Na hipossegmentação apresentada em (14.b), pode-se observar um processo um pouco diferente do anterior. Para evitar a seqüência de consoantes, a criança parece usar um recurso que pode ser considerado como uma metátese, invertendo a posição dos segmentos da sílaba e obtendo uma sílaba CV.

Além do processo de epêntese, Abaurre-Gnerre (1981) também descreve processos de monotongação como favorecedores do ritmo silábico. Esse mesmo tipo de ocorrência pode ser observado no dado (14.c), no qual a criança transforma o ditongo ‘ou’ em ‘o’, mais uma vez buscando o padrão de sílaba CV. Segundo a autora, estruturas silábicas do tipo CV podem ser consideradas como típicas do padrão rítmico silábico.

7. Considerações finais

Resumidamente, pode-se concluir que tomando como base a dimensão fonológica do ritmo, por meio da análise dos processos fonológicos descritos ao longo deste trabalho, existe uma forte tendência entre os pesquisadores citados – Abaurre-Gnerre, 1981; Bisol, 2000; Tenani, 2002 – em considerar o PB como uma língua de ritmo misto.

Sem perder de vista que não era do interesse deste trabalho estabelecer definição sobre a classificação rítmica do PB, não se pode negar, no entanto, uma tendência em alinhar-se ao pensamento dos teóricos citados no parágrafo anterior, em especial no que se refere ao ritmo misto com forte componente silábico.

Torna-se evidente que mais investigações são necessárias, principalmente no que concerne à ocorrência desses processos fonológicos entre fronteiras de domínios prosódicos mais altos do que os descritos neste trabalho. Contudo, fica claro que o ritmo é um fenômeno prosódico que se estabelece no nível pós-lexical, haja vista as reestruturações silábicas apresentadas nas hipossegmentações da escrita.

Retornando-se ao interesse central desta pesquisa, pode-se concluir que os dados de escrita, em particular as hipossegmentações, parecem sofrer influência da prosódia. Esse aspecto fica demonstrado pela ocorrência de processos fonológicos – vozeamento da fricativa, *tapping*, degeminação, ditongação, elisão e haplologia – nas fronteiras vocabulares onde ocorre a juntura.

Como aspecto relevante desta pesquisa, reafirma-se a estreita relação oralidade/escrita, na medida em que os dados de escrita, mais uma vez, mostram-se reveladores de aspectos do conhecimento lingüístico que a criança possui, nesse caso específico, dos aspectos prosódicos da língua.

8. Referências bibliográficas

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, v.2, p.23-44, 1981.

ABERCOMBRIE, D. **Elements of general phonetics**. Edinburg: Edinburg University Press, 1967.

BARBOSA, P. A. Syllabe-timing in Brazilian Portuguese: uma crítica a Roy Major. **Delta**. São Paulo, v.16 (2), p.369-402, 2000.

BISOL, L. O acento lingüístico e o pé métrico binário. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas: IEL-UNICAMP, v.23, p.69-80, 1992.

BISOL, L. O sândi e a ressilabação. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.31 (2), p.159-168, 1996.

BISOL, L. O troqueu silábico no sistema fonológico. **Delta**. São Paulo, v.16 (2), p.403-413, 2000.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. 1981. 192f. Tese (Livre Docência) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

CAGLIARI, L. C.; ABAURRE, M. B. M. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, v.10, p.39-57, 1986.

CAPISTRANO, C. C. **Aspectos de segmentação na escrita infantil**. São José do Rio Preto, 2003. 213 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp.

COLLISCHON, G. Acento secundário em português. **Letras de Hoje – Fonologia: Análises não-lineares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.29 (4), p.43-53, 1994.

CRYSTAL, D. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CUNHA, A. P. N. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

CUNHA, A. P. N., MIRANDA, A. R. M. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v.1, p.1-19, 2007.

DAUER, R. M. Stress-timing and syllable-timing reanalyzed. **Journal of Phonetics**. London, v.11, p.51-62, 1983.

MAJOR, R. C. Stress-timing in Brazilian Portuguese. **Journal of Phonetics**. London, v.9 (3), p.343-352, 1981.

MIRANDA, A. R. M. A aquisição ortográfica das vogais do português – relações com a fonologia e a morfologia. **Revista Letras** (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM), nº 36, janeiro/junho de 2008. (a sair).

MIRANDA, A. R. M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, Regina. **Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil**, Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008 (no prelo)

MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais do português. **Anais da ANPEDSul** – UFSM, Santa Maria, 2006.

PIKE, K. L. **The Intonation of America English**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945.

RAMUS, F.; NESPOR, M.; MEHLER, J. Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. **Cognition**. Amsterdam, v.73, p.265-292, 1999.

TENANI, L. **Domínios prosódicos no Português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. 317f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.